

4 Refúgios da historia magistra vitæ

4.1. A história como Paideia

En el pasado del helenismo, en la vasta historia de la grecidad, halló un fundamento que podía explicar o iluminar muchos capítulos de la experiencia y del drama humanos. “tenía una familiaridad, una gran familiaridad, con el helenismo, con el espíritu universal del helenismo [...] y por formación espiritual, estaba habituado a considerar el helenismo y sus problemas sub specie aeternitatis” Y así llega a considerar también al hombre. La historia y fundamentalmente la griega le proporciona luz y lucidez para reflexionar sobre el hombre y su destino.

Miguel Catillo Didier, *Kavafis Íntegro*. p.78

A história possui, por excelência, o tempo e as suas vicissitudes sociais e culturais como objeto de estudo. Poucos atualmente hão de duvidar que a experiência humana no correr da história não seja passível de constantes transformações. Caso perguntemos à maior parte das pessoas que vivem em nossos dias se no período da infância o mundo que as cercava era semelhante ao tempo presente, com certeza elas hão de afirmar que não. Dirão que ao longo da suas vidas e nas respectivas sociedades houve transformações; essas não só no que tange à cultura material, mas também no que concerne às mentalidades e à política: enfim, nas mais diversas áreas da experiência humana. Caso peçamos, novamente, aos nossos supostos e benévolos entrevistados para alargar seus horizontes temporais, eles perceberão, de forma mais marcante ainda, as diferenças entre a sociedade em que vivem e as sociedades dos homens que os precederam.

Tais observações são um tanto óbvias e de fácil apreensão. No entanto, a consciência de que a relação do homem perante o tempo — incluindo aí como se dá a preservação e o registro do que aconteceu — é mutável já não se faz tão clara. Mas se estamos a falar do tempo, na sua dimensão social e cultural, somos conduzidos, imediatamente, a falar sobre a disciplina que o tem por objeto de reflexão. Muitas vezes, podemos pensar que as mudanças se dão nas sociedades e não na forma como elas representam para si mesmas a temporalidade. Isso pode, às vezes, nos enganar, mas a temporalidade não é fato natural, tampouco a disciplina da história, que se faz concreta através da historiografia desde seu

antigo surgimento. Diríamos nós, recorrendo a textos clássicos: Hesíodo possuía uma dimensão cíclica do tempo, com os seus cinco estágios: à Idade do Ouro, seguia-se a Idade de Prata, e, em seguida, a Idade de Bronze, a célebre Idade dos Heróis e, por fim, a difícil Idade do Ferro: “Quem dera que eu não tivesse pertencido à quinta raça de homens, mas ter morrido antes ou nascer depois”, deixou escrito o autor de *Trabalhos e Dias*¹⁰⁵. Santo Agostinho, nos albores da Idade Média, apreendia a história de maneira teleológica, como a realização do drama humano, desde a queda e ruptura dos Homens com Deus até o juízo final — glória daqueles que foram ungidos pela Graça e danação do desventurado restante da humanidade — o que acarretaria o fim do tempo e da história. O texto escrito por Heródoto, que foi sagrado como o pai da história e acabaria por nomear a nova “disciplina”, não ocupa o mesmo lugar e tampouco se constituiu com os mesmos métodos das crônicas de Fernão Lopes, que escrevia no século XV para os reis de Portugal.

Em outras palavras, nossa questão poderia ser formulada através de uma questão extremamente simples: um sacerdote do Antigo Egito, um *meteco* da Atenas do século de Péricles, um nobre da Europa medieval e um professor na Paris do século XIX apreendiam a temporalidade e, por conseguinte, a sua narrativa de maneira comum? Asseguramos que a resposta é negativa, pois a relação que o homem estabelece com seu passado, e igualmente com seu presente e futuro, são passíveis de múltiplas construções e recortes. Nossos exemplos de indivíduos genéricos e historicamente situados, como dissemos acima, poderiam se multiplicar quase ao infinito. Mas, talvez, seja suficiente pensar que cada geração, em sentido amplo — e fiquemos restritos à nossa tradição ocidental — elabore e reinvente as razões pelas quais aprende e busca o passado das suas gentes.

Kavafis no seu poema intitulado *Ana Comnena* (*Άννα Κομνηνή*), nos oferece, indiretamente, um excelente ensejo para refletirmos sobre as diferentes visões de história através dos tempos. Assim versifica Kavafis a história dessa princesa bizantina:

¹⁰⁵ HESÍODO: *Trabalhos e dias*. p 99.

No prólogo de sua *Alexíada* lamenta-se
Ana Comnena de sua viuvez.

Sua alma está atordoada. “E
com torrentes de lágrimas”, diz-nos, “ensopo
meus olhos... Ah! que vagalhões”, em sua vida,
“ah! Que reveses!” A dor a corroía
“até a medula dos ossos e o despedaçamento”.

Contudo parece que na verdade só uma dor
mortal conheceu a mulher ávida de poder;
só um desgosto profundo teve
(embora não o confessasse) esta grega altiva:
é que não conseguiu, com toda a sua habilidade,
apoderar-se do Reino; arrebatou-o, porém,
quase do meio de suas mãos o insolente João.

Uma das características que pode nos causar certo estranhamento nos poemas históricos de Kavafis é como ele introduz o leitor no tema sobre o qual poetizará. Na verdade, não há nenhuma sorte de introdução; somos arremetidos diretamente para algum lugar do passado. O leitor incauto, provavelmente, sentir-se-á perdido no meio de algum acontecimento. É como se o poema o transportasse por uma viagem no tempo e, quando descerrasse os olhos, estivesse prestes a presenciar cenas das quais em um primeiro instante, ele não possuísse nenhuma referência. No caso de *Ana Comnena* (*Άννα Κομνηνή*), o primeiro verso já se refere ao prólogo de uma obra que imediatamente depois é nomeada, *Alexíada* (*Αλεξιάδα*), porém sem maiores informações, salvo o nome da autora: Ana Comnena, que intitula o próprio poema. A cortina do palco abre-se e eis que surgem as personagens no meio de um diálogo, de um pensamento ou de uma digna atitude de fatalismo diante da adversidade. Nós estamos entre os componentes da plateia, e as estrofes da poesia kavafiana são os próprios atos dessa apresentação, que nos desnorteia com a sua sucessão de dramas ou tragédias retirados de velhos livros.

Ana Comnena, conhecida como a Porfirogeneta¹⁰⁶, nascida em 1083, era filha do Imperador Alexis I e de Irene. Alexis reinou por quase três décadas sobre o Império Bizantino. Seu reinado caracterizou-se pelo revigoramento desse Estado. Segundo o cronista Nicetas Choniatas ou Akoniatas (Νικήτας Χωνιάτης), a filha primogênita do casal imperial, a própria Ana que dá nome ao poema de Kavafis, incentivada por sua mãe, tentou das mais diversas formas convencer seu pai para que fizesse de seu marido o herdeiro do trono. Porém, Alexis I não se curvou aos desejos políticos da filha, nem sequer quando já estava no leito de morte. O Imperador, quando já agonizava, chamou o filho, que se tornaria o Imperador João II, ao seu quarto e entregou o anel, símbolo por excelência do poder. Ana Comnena, em um turbilhão de fúria e revolta, pôs-se a vociferar e a praguejar o pai. Depois de viúva e, provavelmente, decepcionada pelos insucessos de seus planos, Ana Comnena retirou-se para a vida monástica enclausurada, no Mosteiro da Virgem Cheia de Graça (*Μονή της Κεχαριτωμένης*), em Constantinopla. Tendo tido uma educação refinada e leitora dos clássicos gregos, Ana Comnena dedicou-se a escrever o brilhante *Alexiada* (*Αλεξιάδα*), composto de quinze livros, no qual narra e glorifica o governo de seu pai.

Nas poucas linhas do poema, Kavafis consegue confrontar dois documentos diferentes. Na primeira estrofe, cita literalmente algumas frases do início da *Alexiada* (*Αλεξιάδα*), tanto que tem a preocupação de colocá-las entre aspas. Tal recurso, visto que se trata de um poema, afigura-se à primeira vista como desnecessário. No entanto, esse pequeno detalhe diz muito da relação do poeta alexandrino com suas fontes históricas e inspiradoras. Ainda que escrevesse poesia, sua alma deixava transparecer alguns procedimentos típicos do ofício do historiador, como a vontade de indicar que recorria a documentos da época em questão; nesse caso ao assinalar de forma patente as frases que colheira na *Alexiada* (*Αλεξιάδα*). Além disso, nosso poeta não se restringe meramente a fazer poesia a partir de algum relato do passado, ele faz bem mais do que isso, visto que não adota de forma passiva as ideias defendidas por Ana Comnena. Queremos dizer que, na segunda parte do poema, ele assume uma interpretação que não está

¹⁰⁶ A palavra porfirogente, vem do grego e significa literalmente “nascida na Pórfira”, ou seja, nascida no quarto da Púrpura, a parte do palácio destinada ao nascimento dos filhos do Imperador. Eram considerados porfirogenetas os filhos do imperador que nasciam após a ascensão do pai ao trono.

na *Alexiada* (*Ἀλεξιάδα*), mas sim em outros textos: a crônica de Nicetas Choniatas e informações de outros historiadores modernos. Para Kavafis as lágrimas derramadas pela Comnena não seriam devidas à perda de seu marido, mas sim à frustração de suas ambições políticas. O procedimento é poético, mas não poderíamos negar que se avizinha daquele do historiador: a incessante indagação do documento; o desejo de perguntar às antigas linhas do passado; a formular questões conforme as suas hipóteses e indagações. Os historiadores, daquela que ficou sendo conhecida como Escola Metódica ou Positivista poderiam ter a ilusão de que as fontes legadas pelas sociedades que nos precederam praticamente se auto explicitavam, cabendo ao historiador a menor intervenção possível. Bem sabemos que não há história sem o olhar do historiador, é ele que vai, pouco a pouco, compreendendo o passado através de um certo recorte. Kavafis não se furta de tal postura perante os escritos que lia, mesmo que estivesse a fazer poesia.

Mas vejamos o que diz Ana Comnena, no prólogo de sua *Alexiada* (*Ἀλεξιάδα*), pois a princesa e historiadora bizantina não deixa de tecer interessantes comentários sobre o papel da história. Havemos de nos inspirar no próprio método kavafiano, se assim podemos dizer. Não é a leitura dos antigos textos que são mote e estímulo para a poesia histórica de Kavafis? Logo, podemos fazer uso também dos ensinamentos do poeta helênico da diáspora: e por que não? Kavafis ia até os clássicos da língua e da história grega, para reinterpretá-los e, por conseguinte, atualizá-los, soprando nesses trechos, minuciosamente escolhidos, uma *pneuma* (*πνεύμα*) que os revivificava, manifestação mimética que se concretizava na bela força dos seus versos. A Comnena, “esta grega altiva” nas palavras de Kavafis, nos oferece uma certeza e confiança na história que talvez aos nossos olhos, de filhos de uma era de intermitentes dissoluções e descontrações, seja causa de estranhamento. Mas todo estranhamento é igualmente um confronto com a alteridade e, *ipso facto*, propiciador de questionamentos sobre o mundo que nos cerca. Assim nos diz Ana Comnena:

1.O tempo, que corre irresistível e de um movimento ininterrupto, arrasta e leva consigo tudo o que está em vias de ser para afundá-lo em um abismo de esquecimento, sejam os acontecimentos indignos de reter a atenção, como aqueles que são grandes e dignos de memória, e, como diz o tragediógrafo, ele faz nascer o que está escondido, e o que é aparecido, ele o encobre. A ciência da História é um dique inabalável que se opõe à corrente do tempo: detém de alguma forma o curso irresistível; dos acontecimentos que se desenrolam, todos aqueles, que ela pôde apanhar na superfície, ela os retém nos braços, não os deixando, nunca mais, que resvalém no esquecimento. 2. É por estar convencida de tal fato, que eu, Ana, filha dos imperadores Alexis e Irene, nascida e criada na Pórfira, que não sou alheia às letras, mas que me dediquei ao profundo conhecimento do grego e, não negligenciei a retórica, li com atenção os tratados de Aristóteles, assim como os diálogos de Platão, amadureci meu espírito pelo quatrivium das ciências (Porque é preciso divulgar - e isso não é por jactância - tudo o que devo aos dons naturais e ao meu gosto pelo estudo, como tudo aquilo com que Deus, tão grande, gratificou-me, com a contribuição das circunstâncias.). Quero, nesta obra que escrevo, contar as ações de meu pai, que não devem ser relegadas ao silêncio, tampouco arrastadas pela corrente do tempo, tal qual um oceano de esquecimento, tanto aquelas que ele realizou quando senhor do poder, como todas as outras que ele realizara antes de sua coroação, a serviço de outros imperadores. (A tradução é nossa)¹⁰⁷

A história afigura-se, no trecho que acima lemos, como uma espécie de baluarte que protege a *gesta omnium* contra a temível corrente do tempo. É impossível não virem à mente as palavras de Heródoto ao abrir a sua *História*, palavras fundadoras: “Ao escrever a sua História, Heródoto de Halicarnasso teve em mira evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo [...]”¹⁰⁸. É bem provável que a cultivada Ana Comnena conhecesse essas palavras do pai da história e ao retomá-las, de certa forma, não deixa de legitimar o seu discurso histórico. Mesmo que não cite Heródoto no prólogo da *Alexiada*, a porfirogeneta parece reverberar os mesmo motivos que levaram o

¹⁰⁷ « 1. Le temps, qui coule irrésistiblement et d'un mouvement ininterrompu, entraîne et emporte avec lui tout ce qui est en passe de devenir pour l'engloutir dans un abime d'oubli, aussi bien les événements indignes de retenir l'attention que ceux qui sont grands et dignes de mémoire, et, comme dit le tragique, il fait naître ce qui est caché, et ce qui est paru, il le voile. Mais la science de l'histoire est une digue inébranlable qui s'oppose au torrent du temps : elle en arrête en quelque sorte le cours irrésistible ; des événements qui s'y déroulent, tous ceux qu'elle a pu saisir à la surface, elle retient dans son étreinte, et ne les laisse pas glisse à jamais aux profondeurs de l'oubli. 2. C'est parce que j'en suis convaincue, que moi, Anne, la fille des empereurs Alexis et Irène, née et élevée dans la Porphyra, qui non seulement ne suis pas étrangère aux lettres, mais qui me suis attachée à la connaissance approfondie de grec, qui, sans avoir négligé la rhétorique, ai lu avec attention les traités d'Aristote ainsi que les dialogues de Platon, et qui ai mûri mon esprit par le quadrivium des sciences (car il me faut bien divulguer, et ce n'est pas jactance, tout ce que je dois à des dons naturels et à mon goût pour l'étude comme tout ce dont m'a gratifié le Dieu très haut, avec l'apport dû aux circonstances), je veux, dans cet ouvrage que j'écris, raconter les actions de mon père qui ne doivent pas être livrées au silence, ni entraînées par le torrent du temps comme un océan d'oubli, aussi bien toutes celles qu'il accomplit une fois maître du pouvoir, que toutes celles qu'il accomplit avant son couronnement au service d'autres empereurs. » COMNÈNE, Anne : **Alexiade**. p.p. 3 e 4.

filho de Halicarnasso a registrar o passado: o medo de que a memória dos Homens se perdesse na voracidade do tempo.

O aedo invocava as musas, sem proferir o seu nome; Hesíodo já se automeava e declarava que o seu canto, já se rompendo no formato das letras de um texto autoral, era, ainda assim, inspirado pelas musas: “Foram elas que outrora, ensinaram a Hesíodo um belo canto/ enquanto apascentava as suas ovelhas no sopé do Hélicon divino”; com Heródoto as musas se calam e a primeira palavra escrita já é um genitivo que indica o lugar essencial do autor. Séculos e grandes mudanças separam Heródoto de Ana Comnena, mas continuidades não deixam de existir, que se dão em grande parte através desse continuum linguístico de gradativas mudanças que é a língua grega. A Comnena está em um mundo de cristianismo já enraizado, mas nem por isso deixa de se orgulhar de ter lido Platão e Aristóteles.

A história é compreendida, até hoje, como o relicário da memória. Proposital ou não, elogiosa ou negativa, a palavra da história é ainda, e apesar de tudo, um antídoto contra o esquecimento, sagração seletiva do que não foi destinado à dissolução pelos ácidos de Léthe (*λήθη*). Entretanto, como já pudemos mencionar, não é possível dizer, com a segurança peremptória de Ana Comnena, que tudo aquilo que ascendeu ao status de ser lembrado assim o será *per omnia saecula seculorum*. Sabemos que a escrita, os objetos de estudo, as razões, os métodos e as fronteiras da história, nos seus mais profundos alicerces, estão em constante mudança. Se a história é o relicário da memória, talvez seja um relicário já profanado. Relicário apreendido não em suas primevas funções sacras, mas — agora quem sabe — realocado nas galerias de um museu ou de alguma exposição, sobretudo por seu valor de representante de uma sociedade pretérita, ou então por seu valor enquanto arte.

A ideia de uma *historia magistra vitae* deita suas raízes na Antiguidade grega e pagã. Embora a expressão que foi consagrada tenha sido a latina de Cícero, bem antes esse princípio já era trabalhado pelo discurso dos historiadores, como diz Hartog: “o orador nada mais fazia aí que dar forma em latim a uma

¹⁰⁸ HERÓDOTO: **História**, p. 5.

definição da história já conhecida antes dele e que seria retomada e repetida pela historiografia ocidental até a época moderna”.¹⁰⁹

Tucídides utiliza o termo *ktema* (κτῆμα), palavra grega que leva consigo a ideia de um bem, tesouro, algo precioso, enfim, uma aquisição, para indicar o porquê de se conhecer a história. O autor da *Guerra do Peloponeso* se propõe a fazer a história do seu próprio tempo, pois, como bem sabemos, o eixo de sua pesquisa é a guerra entre Atenas e Esparta, que durou de 431 a. C. até 404 a.C. Quando a guerra despontou, aquele que viria a ser o historiador máximo desses acontecimentos históricos já era adulto e a sua própria existência foi arrastada pelo drama do conflito bélico, haja vista que fora eleito estrategista em 424 a.C.. Mas não obteve sucesso na defesa de Amphipolis, tendo essa cidade caído nas mãos dos espartanos após as investidas do General Brasidas. Entretanto o que desejamos ressaltar é o fato que — mesmo escrevendo e pesquisando sobre acontecimentos recentes em relação ao seu tempo — Tucídides almeja: “examinar o que há de claro nos fatos passados e nos fatos que devem ser um dia novamente os mesmos ou próximos”¹¹⁰. Os princípios norteadores de Tucídides, como é possível observar, relacionam-se ao mesmo *topos* expresso pelo termo alemão *Historie* — entendamos *topos* como um desses grandes conjuntos de ideias, sempre em mutação, espécie de liga da tradição que se metamorfoseia, sem porém dissolver plenamente o intermitente diálogo mimético, que perpassa séculos e forma os grandes traços de qualquer civilização. Tanto o termo grego *Ktema*, quanto o alemão *Historie* e o latino *historia magistra vitæ* estão intimamente ligados. A respeito da ideia de história em Tucídides nos diz Hartog:

¹⁰⁹ HARTOG, François: **Os Antigos, o Passado e o Presente**. p.55

¹¹⁰ Acreditamos ser importante a citação integral desse trecho de Tucídides. Observemos que o historiador grego ao justificar a falta de mitos em seus escritos, o que poderia torná-los um tanto áridos para seus ouvintes, afirma que seu trabalho é uma aquisição. Logo, podemos entender como algo que terá uso nos tempos futuros, porque a condição humana é a mesma e o futuro nos guarda similitudes ou igualdades com o que teve lugar: “[4] E para a audição, talvez a falta de mito nos fatos pareça mais desagradável; mas para todos aqueles que quiserão examinar o que há de claro nos fatos passados e, nos fatos que devem ser um dia, novamente, os mesmos ou próximos, em virtude da condição humana, pois bem julgar úteis os fatos será suficiente. O que está composto aqui é uma **aquisição** para sempre, mais do que um trecho para escutar na ocasião de um concurso” [A tradução e os grifos são nossos]; “[4] Et pour l’audition, peut-être le manque de mythe dans les faits paraîtra-t-il plus désagréable; mais pour tous ceux qui voudront examiner ce qu’il y a de Clair dans les faits passés et, dans les faits qui doivent être un jour à nouveau les mêmes ou proches, en vertu de la condition humaine, eh bien juger utiles les faits sera suffisant. Ce qui est composé ici, c’est un acquis pour toujours, plutôt qu’un morceau à écouter sur le moment dans un concours.” THUCYDIDE, Histoire de la Guerre du Péloponnèse in HARTOG, François : **L’Histoire d’Homère à Augustin**. p.59

O tempo da epopéia efetivamente terminara. Dali em diante não se tratava mais de preservar do esquecimento as ações valorosas, mas de transmitir aos homens do futuro um instrumento de inteligibilidade de seu próprio presente: a *Guerra do Peloponeso*, constituída, como tipo ideal, por seu primeiro (e também último) historiador. Ela não era absolutamente um instrumento de previsão do futuro, mas se pretendia uma ferramenta para a decifração dos presentes vindouros, pois, considerando-se o que são os homens por natureza (*to anthrópinon*), outras crises análogas não deixariam de irromper no futuro. Era a permanência da natureza humana que, para Tucídides, fundava a exemplaridade desse conflito (iniciado em 431 e terminado em 404, entrecortado de períodos de trégua), denominado por ele – para sempre – a *Guerra do Peloponeso*.¹¹¹

Para o historiador alemão Reinhart Koselleck, em meados do século XVIII começaria um deslocamento do significado da história. Tal mudança seria perceptível no vocabulário da língua alemã. Analisemos com mais vagar tal questão, pois será essencial como argumento para a nossa compreensão dos poemas históricos de Kavafis. Em um primeiro momento, haveria o predomínio da palavra *Historie*, termo plural, que surge com freqüência no período que antecede os meados do século XVIII.

É a partir dessa nova visão de mundo, que começa a surgir no século XVIII, que desponta concomitantemente no vocabulário alemão a palavra que tornar-se-ia hegemônica e, por fim, acabaria, até mesmo, por influenciar semanticamente o significante *Historie*. O termo que ascendia tratava-se de *Geschichte*. Como sintetiza Costa Lima:

Reflitamos brevemente sobre a mudança semântica. Serem as histórias particulares supunha ser fora dos eventos propriamente humanos que a história se unificava; o que implicava a subordinação da história à teologia. Conquanto essa subordinação houvesse se imposto desde a legitimação romana do cristianismo, na verdade ela já se insinuava, embora sem a implicação de um plano extra-humano, nas constantes do comportamento humano, com que contava Tucídides para que sua História se tornasse um patrimônio útil. Em termos da visão cristã, as histórias singulares se unificavam fosse pela vigilância que o divino mantinha quanto às suas criaturas terrenas, fosse pela semelhança de suas reações ante situações aproximadas. Se a separação da história quanto à teologia se processa na mesma medida em que proliferam as ciências, a partir do renascimento, intensificando-se desde o século XVIII, a desconsideração das constantes humanas só se generalizará no fim do século e terá um efeito particularizado: afetará a vigência do *topos* ciceroniano da *historia magistra vitae*. Pois que significa a segunda acepção consignada por Adelung, i.e., o uso da palavra como coletivo singular, senão que a focalização agora se concentra, por um lado, no puramente humano e, por outro, na maneira de considerar os eventos aí sucedidos? Por ambos os deslocamentos, o coletivo singular ressaltava “um novo conceito de realidade [...], assim como um novo conceito de reflexão” (Koselleck, R. [...])¹¹²

¹¹¹ HARTOG, François: **Os antigos, o passado e o presente**. p.56

¹¹² COSTA LIMA: **História Ficção Literatura**, p. 113.

Poderíamos dizer que Kavafis apreende a história através do topos da *Historie* e não da *Geschichte*. Essa concepção é mais do que explicável, visto que o poeta recorria com sofreguidão a textos antigos, pertencentes ao que aqui definimos por mundo greco-romano. Como bem sabemos, esses escritos possuem uma função pragmática: orientar o leitor a como agir no mundo. Partindo do princípio de que a natureza humana é invariável e que as mesmas paixões sentidas pelos Homens — sejam eles de terras próximas ou remotas, de tempos presentes ou pretéritos — não é apanágio de nenhum grupo específico, mas sim inerentes à condição humana, a história seria um imenso repertório de sabedoria. Ao conhecermos os meandros da história, estaríamos em certa medida nos precavendo para que não resvalássemos nos mesmos erros de nossos antecessores, mas que, igualmente, soubéssemos acertar e seguir os justos caminhos por onde eles seguiram anteriormente. A *hýbris* (ἄβρις) ou o excesso que ultrapassa todas as medidas; o *kairós* (καιρός) ou o momento propício; a linguagem cifrada dos oráculos; a incompreensão dos Homens diante dos desígnios dos deuses; os volteios da roda da fortuna — seja como for que os denominemos, conforme a cosmovisão de cada época e sociedade — todos esses são misteriosos fatores de peripécias, que tudo mudam e sempre nos espreitam. A peripécia, termo proveniente do grego “περιπέτεια” (*peripéteia*), é uma idéia que perpassa o acontecer histórico em Kavafis. Mais um dos rasgos de espírito provenientes provavelmente da formação do poeta nas antigas fontes textuais de seu povo. Assim sendo, havemos de entender o termo no sentido em que Aristóteles o define na sua *Arte Poética*:

Peripécia é uma viravolta das ações em sentido contrário, como ficou dito; e isso, repetimos, segundo a verossimilhança ou a necessidade; como no Édipo, quem veio com o propósito de dar alegria a Édipo e libertá-lo do temor com relação à mãe, ao revelar quem ele era, fez o contrário; igualmente, no Linceu; este é levado para morrer e Dânao vai empós para o matar, mas, em consequência dos fatos, acabou morrendo Dânao e salvando-se Linceu.¹¹³

Assim, queremos dizer que Kavafis possui essa visão perante a vida: o Homem, por mais que acredite perscrutar a lógica que dita os seus caminhos, não tem êxito nos seus planos de compreensão e de domínio do acaso. Quando nos

¹¹³ ARISTÓTELES: *Arte Poética*, p.30.

precavemos de algo, a inesperada reviravolta faz com que nossas palavras e ações acarretem consequências jamais esperadas.

O melhor que teríamos a fazer seria aprender com os antigos, escutarmos, com acurada atenção, a sabedoria das gentes de outrora. Aquele que conhecesse a história estaria, na medida do possível, com sua alma preparada para os êxitos e para os reveses. Ora, Kavafis segue esse princípio, ousaríamos dizer que o poeta de Alexandria leva a visão de uma *historia magistra viatæ* a resultados, senão originais, com certeza poucas vezes tão enfáticos. Fazer com que a sabedoria da história seja mais potente, para penetrar com sua eloquência os espíritos e assim formar os homens, é um dos principais objetivos da poesia histórica kavafiana. Mas para nosso autor o que mais importa não é saber como se portar para conseguir a vitória; Kavafis parece querer nos ensinar uma sabedoria um tanto epicurista: o prazer da glória não é um erro, mas é preciso reconhecer a queda e dignamente vivenciá-la. Havemos de nos perguntar: mas como o poeta de Alexandria procede? É justamente a partir da poesia, recorrendo a esta técnica e arte antiquíssima, que remontam à palavra ritmada em verso dos tempos dos aedos, que Kavafis transmuta o texto da história, originalmente escrito em prosa, em poemas sucintos, mas que colocam em destaque, mais do que nunca, os ensinamentos aí contidos. A poesia histórica de Kavafis não é uma deturpação, mas na verdade uma sacração da história, daquela *historia magistra viatæ*, no que ela possui de mais filosófico e humano.

Há uma interessante relação entre a poesia, como facilitadora e propulsora da memória, e a obra kavafiana. Poetizar um trecho de Plutarco, por exemplo, é também fazer com que ele seja mais facilmente lembrado, é destacá-lo do todo e deslindar os seus detalhes. O que poderia passar despercebido ao leitor, agora é minuciosamente analisado e desenvolvido em todas as suas implicações por Kavafis. Ora, o poeta não é, pois, um homem possuído pela memória¹¹⁴? Os dois monumentos fundadores da literatura europeia não são dois longos poemas? O mundo que nos cerca, tendo como um dos seus principais ancilares a escrita,

¹¹⁴ “O poeta é, pois um homem possuído pela memória, o aedo é um advinho do passado, como o advinho o é do futuro.” Cf. LE GOFF, Jacques: Memória in Enciclopédia Einaudi, **Memória e História** - volume 1. , p.21.

relega as técnicas e a precisão de uma *memoria verborum*¹¹⁵, por irônico que possa parecer, ao esquecimento. Mas a poesia traz em si os ecos desses tempos de viva oralidade, mesmo que pouco perceptíveis à nossa compreensão. A divisão em versos, em estrofes e os diversos recursos da regularidade métrica são sinais dessa antiga origem. Essa presença não se faz em menor quantidade no verso livre, visto que, mesmo despojado de metrificção, ele guarda em si a capacidade de síntese, os recursos às figuras de linguagem que auxiliam o registro de cor. Até hoje, presenciamos a declamação de poemas e, se formos aos alfarrábios de nossa memória individual, localizaremos trechos, e mesmo poemas inteiros, que foram aprendidos em idos tempos escolares. Provavelmente, uma das marcas distintivas da poesia, quando a comparamos com a prosa, é a sua facilidade em ser dita em voz alta: é um doce à vontade, como se a poesia sentisse um chamado, das suas mais remotas antepassadas, aquelas suas congêneres vibrantes de vida dos tempos onde reinava soberana a oralidade, e quisesse libertar-se das folhas fixamente impressas dos livros. O leitor de poesia, sem muita dificuldade, põe-se a ler em voz alta e, mais adiante, relê várias vezes os mesmos versos. Quem sabe ele, o nosso leitor já seduzido, sem querer, acaba por saber de cor alguns daqueles fragmentos que se revoltaram contra os hirtos contornos alfabéticos e que se fizeram som de palavras na calidez da voz humana. Essa experiência pode passar despercebida, mas ela se repete, insidiosamente, quando lemos poesias e por esse canto das musas somos seduzidos. A prosa seguramente pode ser lida em voz alta e possui belos atrativos, mas escapular levemente entre os jogos da oralidade e da memória é apanágio da poesia. A poesia nasceu sob o signo da oralidade e por mais que os poetas — pelo menos aqueles que adentraram o panteão do reconhecimento literário — tenham elaborado suas obras através dos processos de escrita, ainda assim, sob o espesso véu das nossas letras impressas a poesia ressoa o primevo canto do aedo.

Mas por qual razão a história cumpriria as funções de uma Paideia? O emprego dessa palavra aqui se faz claramente emprestada do mais que célebre

¹¹⁵O livro *Ad Herennium*, que é uma das bases das antigas artes da memória — nome genérico de um conjunto de complexas técnicas mnemônicas — separa a memória artificial em dois tipos: a *memoria rerum* e *memoria verborum*. A primeira consistiria na memorização das ideias principais de um discurso, já o segundo tipo diz respeito a uma memorização de palavra por palavra na sua devida ordem, o que faz com que a aquisição da *memoria verborum* seja considerada muita mais árdua. Cf. YATES, Frances: **El Arte de la Memoria**, p.22.

livro, já clássico, escrito pelo intelectual alemão Werner Jaeger, intitulado *Paidéia, A formação do Homem Grego*, publicado em 1934 — embora estejamos conscientes das diferenças temporais, visto que nessa obra Jaeger teve como limite temporal para suas reflexões as imediações do século IV a.C.; posteriormente, em sua outra obra “*Cristianismo Primitivo e Paidéia Grega*”, publicada em 1961, é que o erudito alemão debruçou-se sobre as interseções entre o cristianismo e a civilização grega. Ousaríamos considerar o ideal que se desprende dos poemas de Kavafis como uma espécie de Paideia. Sabendo que as aproximações são mais do que férteis, para que as asas do pensamento possam alçar voos, não devemos nos furtar de tecer relações, pois, caso nos retivéssemos na mais pura e compartimentada diferenciação, as pontes que possibilitam as sínteses e interpretações não se dariam; estaríamos perdidos nos labirintos de uma leitura praticamente cerrada em si mesma. Poderíamos falar de uma aproximação, de uma metáfora, mas, na realidade, não se trata exatamente disso, mas, sobretudo, de uma *mimesis* do termo “*paideia*”, uma apropriação que, ao mesmo tempo em que o imita, também, o diferencia. Porque Kavafis é quase nosso contemporâneo, mesmo tendo os seus olhos atentos e ávidos pelo passado; nenhum homem deixa de ser integralmente de seu tempo. Jaeger assim define a palavra “*paideia*”:

Os antigos estavam convencidos de que a educação e a cultura não constituem uma arte formal ou uma teoria abstrata, distintas da estrutura histórica objetiva da vida espiritual de uma nação; para eles, tais valores concretizam-se na literatura, que é a expressão real de toda cultura superior. E é deste modo que devemos interpretar a definição do homem culto apresentada por Frínico (Cf. φιλόλογος, p. 483 Rutherford): *φιλόλογος ο φιλοσοφικός λόγος και σποθδάζων παιδείαν*. [sic]¹¹⁶

A poesia kavafiana não pode ser considerada apenas do ponto de vista estético, ela visa também uma “*paidéia*”, uma formação profunda que abranja a integridade daquele que a lê. O estético e a erudição estão irmanados para despertar ou, então, ensinar um sentido epicurista da existência. É preciso que entendamos epicurismo não no sentido que se popularizou, quer dizer: de uma

¹¹⁶ JAEGER, Werner: *Paidéia, A Formação do Homem Grego*, p. 1.

busca desenfreada pelo prazer desmedido.¹¹⁷ Nada mais distante daquele conjunto de correntes, que possuem traços em comum e, por tal, podemos denominá-las de ideal grego. O epicurismo faz parte desse todo e não é exceção na busca do *métron*, a justa medida. O pensamento epicurista não nega a busca pelo prazer, mas trata-se de um prazer mínimo e necessário, negar tal possibilidade seria impor ao homem algo pesado e opressor em demasia e, *ipso facto*, causador de dor. O Homem deve ter consciência da transitoriedade do prazer e não perder-se na sofreguidão hedonística sem fim, daquele que se lança no volátil turbilhão de deleites. O Homem busca o prazer e evita a dor, mas há limites. O prazer epicurista é algo controlável, que não deve cegar o homem para a iminência do transitório que se faz presente na própria condição humana. É mister dizer que o viés epicurista de Kavafis sobressai-se ainda mais quando fazemos uma leitura de sua obra integralmente, porque é naqueles poemas, que trazem um ambiente característico da sua Alexandria, que o prazer é tema de sua reflexão de maneira mais explícita. Mas mesmo nessas ocasiões é a lembrança dos bons momentos; a exaltação do prazer é geralmente feita quando esse mesmo já se desfez, o que permanece são os vestígios das sensações guardados na memória. Nos poemas históricos — particularmente naqueles que vão até a personagens reais, justamente as obras em que aqui mais nos detemos — é que aparece o ensinamento da moderação, pois sempre assinalam que até na máxima glória nada é definitivo e sempre devemos estar com esse estado de espírito, que bem sintetiza a primeira estrofe de *Idos de Março* (*Μάρτιαι Είδοι*), estrofe que pode ser lida quase como uma máxima dos princípios que qualificamos como *paideia* kavafiana: “Teme as grandezas, ó alma./ E tuas ambições, se não podes/ subjugá-las, com dúvida e

¹¹⁷ “Epicuro foi mais longe que Aristóteles em sua reação contra a desconfiança de Platão em relação ao prazer. Ele afirmou que a verdadeira finalidade e meta da vida humana era a maximização do prazer. Fez a observação sensata de que todos os animais evitam a dor, e dela tirou a ilação simples de que cada um de nós deve aspirar ao prazer. Inevitavelmente esse hedonismo ético foi mal interpretado popularmente como uma licença para a satisfação ilimitada dos próprios apetites, e os epicuristas ganharam a má fama de libertinos complacentes. Mas Epicuro teve o cuidado de restringir seu princípio de prazer por meio de qualificações necessárias a assegurar que ele podia tornar-se uma regra de vida respeitável “Cada prazer”, dizia “era bom em si mesmo, mas nem todos deviam ser escolhidos”. Não temos de buscar necessariamente o prazer do momento. O gozo ilimitado do prazer pode ser seguido por um sofrimento que mais do que ultrapassa o prazer. É necessário um cálculo hedonístico. Nosso objetivo deveria ser a obtenção de um saldo favorável de prazer gozado ao longo de toda a nossa vida, do berço até o túmulo.” LUCE, J. V.: **Curso de Filosofia Grega**. p.148.

precauções/ persegue-as. E quanto mais avanças mais debes ser observadora e atenta”.¹¹⁸

4.2.

Kavafis e Plutarco

No poema *Que Deus Abandonava Antônio* (*Απολειπειν ο θεός Αντωνιον*), Kavafis retira e mimetiza um pequeno trecho da *Vida de Antônio*, de Plutarco. Depois de ter sido derrotado na batalha de Actium, em 31 a. C., Antonio refugiou-se no Egito e ali aguarda a chegada das forças de Octavio. A data é carregada de simbolismo, pois, para a historiografia tradicional, ela marca o final do mundo helenístico. Tenhamos sempre em mente que Kavafis possuía uma nítida preferência por esse período e a maioria de seus poemas históricos aí se dão. Para que possamos comparar diretamente e assim entendermos como se processa a elaboração kavafiana, que transforma a história em poesia, leiamos o trecho no qual Plutarco narra esse acontecimento na fronteira do histórico e do mítico.

LXXV. 1. Antônio enviara uma mensagem a César¹¹⁹ incitando, novamente, a um combate singular, mas César respondeu que a Antônio não faltavam caminhos para a morte. Antônio disse consigo mesmo que o mais honorável, para ele, seria morrer combatendo e decidiu lançar um ataque, simultaneamente, por terra e por mar. 2. Durante a refeição, diz-se, que ele teria ordenado aos serviçais de deitar vinho em abundância nos copos e servir uma comida mais rica. “Ninguém sabe, declarou ele, se amanhã, vós podereis ainda fazê-lo e se vós não haveis de servir outros senhores enquanto que eu estarei por terra, esqueleto reduzido a nada”. 3. Mas ao ver seus amigos a chorar por essas palavras, acrescentou: “Eu não vos conduziria ao combate se fosse uma morte gloriosa que estivesse a buscar, mais do que a salvação e a vitória”. Diz-se que, nessa noite, por volta de meia noite, enquanto a cidade se punha a esperar os acontecimentos, cheia de temor, oprimida e mergulhada no silêncio, de repente, escutaram-se os sons harmoniosos de todos os tipos de instrumentos, os gritos de uma multidão, acompanhados de “Evoé” e danças de sátiros. Dir-se-ia um tiaso que se afastava correndo. 5. O cortejo atravessou a cidade até a porta que levava ao inimigo; lá o alarido, depois de ter ficado mais forte do que nunca, extinguiu-se. 6. Aqueles que interpretaram esse signo julgaram que o Deus [Dioniso], que Antônio imitara com tanto ardor e ao qual submetera sua vida, o abandonava.¹²⁰

¹¹⁸ KAVAFIS, Konstantinos: *Idos de Março* (*Μάρτιαι Είδοι*) in **Poemas de K. Kavafis**. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. p. 89.

¹¹⁹ Trata-se de Octavio, “César” aqui é utilizado como título.

¹²⁰ LXXV. 1. Antoine envoya un message à César le provoquant de nouveau à un combat singulier, mais César répondit qu’Antoine ne manquait pas de chemins pour mourir. Antoine se dit alors que le plus honorable pour lui était de mourir en combattant et il décida de lancer une attaque simultanée sur terre et sur mer. 2. Au cours du repas, il ordonna, dit-on, aux serviteurs, de verser

Mas a quem o poema se dirige? Poderíamos supor que a Antônio, que está tão próximo da queda e do fim dos seus sonhos, mas também poderia ser dirigido a todos os leitores, independente da época e do espaço geográfico. Diríamos que o tom dos versos é extremamente direto, parece tratar-se de uma lição de estoicismo ou epicurismo que atinge o leitor. O tiaso que parte de Alexandria torna-se próximo de nós, transpõe as barreiras temporais e factuais, transbordando-se do trecho de Plutarco. O que é particular torna-se universal, através do engenho e arte poético, todo e qualquer leitor de *Que Deus Abandonava Antônio* (*Απολειπειν ο θεός Αντωνιον*) passa a ser, por excelência, “Antônio”; e aprendemos com Kavafis que não devemos suplicar e lamentar como os covardes, quando a glória aproxima-se do fim:

Quando de repente, à meia noite, ouvir-se
 um invisível tiaso passar
 com músicas maravilhosas, com vozes –
 tua sorte que já decai, tuas obras
 que fracassaram, os projetos de tua vida
 que se tornaram todos decepções, não lamentos em vão.
 Como homem preparado há muito tempo, como homem corajoso,
 despede-te dela, da Alexandria que se distancia.
 Sobretudo não te enganes, não digas que foi
 um sonho, que teu ouvido se enganou:
 não aceites tais esperanças vãs.
 Como homem preparado há muito tempo, como homem corajoso,
 como convém a ti que mereceste uma tal cidade,
 aproxima-te firmemente da janela,
 e escuta com emoção, mas não

du vin en abondance et d’offrir une nourriture plus riche « Nul ne sait, leur déclara-t-il, si demain, vous pourrez encore le faire et si vous ne servirez pas d’autres maîtres tandis que moi je serai à terre, squelette réduit au néant ». 3. Mais voyant ses amis pleurer à ces mots, il ajouta : « Je ne vous mènerais pas au combat si c’était une mort glorieuse que je cherchais, plutôt que le salut et la victoire. » 4. Cette nuit là, dit-on, vers minuit, alors que la cité, pleine de crainte dans l’attente des événements, était plongée dans le silence et l’accablement, on entendit soudain les sons harmonieux de toutes sortes d’instruments et les cris d’une foule, accompagnés d’ « Évoés » et de danses de satyres. On aurait dit un thiaso qui s’éloignait bruyamment en courant. 5. Le cortège traversa la cité jusqu’à la porte extérieure qui regardait les ennemis ; là le vacarme, après avoir été plus fort que jamais, s’éteignit. 6. Ceux qui interprétèrent ce signe jugèrent que le dieu qu’Antoine avait imité avec tant d’ardeur et auquel il avait conformé sa vie l’abandonnait. PLUTARQUE: **Vies Parallèles**. Vida de Antônio LXXV.1-6 Tradução: Anne Marie Ozanam.

com as súplicas e os lamentos dos covardes,
tal qual um último deleite, os sons,
os maravilhosos instrumentos do misterioso tíaso,
e despede-te dela, da Alexandria que perdes.

Assim, quando Kavafis retira um determinado trecho de um episódio da história antiga e o transforma em poema, ele está a utilizar as técnicas da poesia para ressaltar aquela narrativa. Todas as características do fazer poético, como vimos algumas linhas acima, tão próximas da oralidade e da memorização, lapidam o texto histórico. É como se Kavafis indicasse o que deveria, mais do que nunca, ser lembrado e, para isso, o transformasse em poesia.

Em *Os Posidoniatas (Ποσειδωνιάται)*¹²¹, Kavafis retira o tema de seu poema de um trecho do livro do escritor grego Atênaios (Ἀθηναῖος), que vivera entre os séculos II e III da nossa era. Atênaios é autor de uma obra intitulada *Deipnosophistai (Δειπνοσοφισταί)*, dividida em quinze livros, aí narra um banquete de 23 eruditos e as conversas travadas entre eles. Os 23 personagens explanam sobre a gastronomia e, também, sobre os mais variados acontecimentos. Kavafis escolhe para epígrafe dos seus versos um trecho do próprio livro de Atênaios, mostrando, assim, claramente a sua fonte inspiradora. Um dado interessante é que Kavafis não transcreve a epígrafe *ipsis litteris*. Ela já teria sido reformulada de alguma maneira, provavelmente pela memória do poeta, como explica Pedro Badenas de La Peña, tradutor da obra do poeta alexandrino para a língua de Cervantes: “A passagem que [...] aqui utiliza Kavafis não é uma citação literal, varia bastante, ainda que o sentido geral do parágrafo seja bastante fiel. Provavelmente Kavafis o retocou de segunda mão ou então o citou de memória.”

122

“Nós nos comportamos como os poseidoniatas do Mar Tirreno que ainda que fossem de origem grega, tornaram-se bárbaros tirrenos ou romanos e mudaram a linguagem deles assim como os costumes. Mas eles celebram ainda hoje uma festa grega, por ocasião da qual eles se reúnem e recordam os seus antigos nomes e os seus antigos costumes, depois eles partem trocando grandes lamentações e chorando” ATÊNAIOS

¹²¹ Trata-se de um dos poemas não canônicos, ou seja, que não foram incluídos entre os 154 poemas da edição póstuma de 1935 publicada em Alexandria.

¹²² BADENAS DE LA PEÑA, Pedro: Notas a los poemas ineditos in CAVAFIS, C.P: **Poesía Completa**. p.292

O grego deles, os Posidoniatas
 o esqueceram, após tantos séculos de mistura
 com tirenos, com latinos e com outros estrangeiros.
 A única coisa que lhes ficou de seus avós,
 era uma festa grega com belas cerimônias,
 liras e flautas, concursos e coroas.
 Eles tinham o hábito, por volta do findar da festa,
 de contar entre si seus usos d'antanho
 e de redizer os nomes gregos tornados letra morta.
 E a festa acabava sempre sob uma nota triste
 porque eles se lembravam que eles também eram gregos
 Que eles haviam sido, eles também, gregos d'Itália

E agora, como se haviam posto
 A viver, a falar como bárbaros,
 Suprimidos – oh! desespero – do mundo helênico¹²³ (A tradução é nossa)

Em *Os posidoniatas* (*Ποσειδωνιάται*), há explicitamente o processo de apropriação da história pela poesia de Kavafis. O simples trecho de Atênaios é cuidadosamente esculpido pelo trabalho de nosso autor; o poema é um relicário para o episódio histórico. Um leitor do *Deipnosophistai* poderia passar inadvertidamente por essa passagem, perdida entre as outras tantas passagens, mas Kavafis eleva o destino desses gregos, que lamentavam a perda de sua cultura, a uma outra condição. Em Atênaios os gregos dessa colônia, situada na Magna Grécia e que fora fundada em 600 a.C, são simplesmente uma informação, talvez, uma curiosidade.

Mas, no entanto, em Kavafis há uma leitura característica; as gentes da cidade de Posidônia são, agora, investidas de uma bela tragicidade. No poema, há

¹²³ “*Los posidoniates del golfo Tiirénico que eran griegos de origen se hicieron bárbaros por el contacto con tirrenos y romanos, pero celebran aún ahora una de las fiestas de los griegos, en la cual reuniéndose recuerdan las antiguas palabras y costumbres y se marchan lamentándose unos con otros y llorando. Ateneo La lengua helénica los posidoniates/ olvidaron, tantos siglos mezclados/ con tirrenos, y con latinos, y otros extranjeros. / Lo único ancestral que les quedaba/ era una fiesta griega, con bellas ceremonias,/ con liras y con flautas, con competencias y coronas./ Y tenían por costumbre al final de la fiesta/ relatar sus antiguas usanzas,/ y volver a decir las palabras griegas,/ que apenas las comprendían ya unos pocos./ Y siempre su fiesta terminaba con tristeza./ Pues recordaban que también ellos fueron griegos - / italiotas un tiempo también ellos;/ y ahora cómo habían decaído, qué llegaron a ser,/ vivir y hablar de modo bárbaro/ habiendo*

palavras que dão relevo à herança dos ancestrais gregos: “A única coisa que lhes ficou de seus avós”; ser grego é um legado que provém diretamente de pais fundadores. Mas na epígrafe retirada do texto de Atênaios há simplesmente a menção, bem mais impessoal, de: “ainda que fossem de origem grega”. Para Kavafis, as origens parecem receber uma personificação, são agora ancestrais, avós de eras distantes que transmitiram seu sangue. Mas dos antepassados o único vínculo que restava era uma bela festa, que visualizamos ao som de liras e flautas, jogos e coroas. Por sua vez, as frases de Atênaios — que já teriam sido filtradas provavelmente pela memória do próprio Kavafis — parecem receber vida pela pena do poeta de Alexandria. O dilema dos posidoniatas é realçado, a ambiguidade da perda da origem, acompanhada da consciência melancólica dessa mesma perda, nos sugere a situação do próprio Kavafis: um grego da diáspora que construía a sua identidade através da história antiga de seu povo, refletindo-se em uma Alexandria grega que não mais existia. Mas, como todo grande poeta, ele ultrapassa a sua individualidade e atinge o leitor. O que era subjetivo passa, agora, a ser universal. Os posidoniatas, que foram descritos por Atênaios, não são mais uma situação particular; Kavafis fez com que eles fôssem metáfora da duplicidade de todo ser humano que vive sob o signo de identidades plurais. Mas é igualmente metáfora das tensões entre um tempo mítico das origens e o presente que busca ardentemente uma memória. Se Atênaios já elevava a saga das gentes de Posidônia, Kavafis eleva-a a uma leitura com mais vagar, chama atenção para o drama do povo, que estava perdido nas linhas de um autor clássico, investindo-o de uma amplidão universal. O pequeno trecho de história foi consagrado pelo ofício do poeta ao altar do não esquecimento. Kavafis é aqui ourives, não só da poesia, mas da memória e da história.

Através da leitura desse conjunto da obra kavafiana, apreendemos os contornos de uma filosofia. Essa, que não se detém nos sistemas e esquemas teóricos de grande parte dos filósofos “profissionais”, liga-se à pujança da vida como um todo; filosofia da história e filosofia de vida. A nós seria impossível deslindar, na visão de mundo de Kavafis, os limites entre a vida e a história em sua quintessência — se assim procedemos é sobretudo para efeito pragmático e didático — porque quando o poeta fala na primeira pessoa, ou então quando

salido – ¡oh desgracia! – del helenismo.”KAVAFIS Konstandinos in CASTILLO DIDIER,

aborda temáticas e paisagens urbanas, ele está sempre a refletir sobre princípios, está incitando o leitor a adotar uma certa postura sábia perante a vida. Aliás, ainda que, a voo de pássaro, vale a pena mencionar certa Alexandria — aquela moderna dos cafés, dos sobrados e das lojas, enfim do *ethos* de uma cidade portuária e cosmopolita, como fora no século XIX e alvares do século XX. Essa cidade mediterrânea, quiçá tácito viés pouco conhecido de uma civilização urbana, presente em alguns dos poemas de Kavafis, pois como disse Álvaro de Campos: “e há Platão e Virgílio dentro de Máquinas e das luzes elétricas”.¹²⁴ É geralmente nesse cenário que Kavafis parece nos deixar entrever mais explicitamente os versos na primeira pessoa. Mas deixemos de lado tal possível característica, visto que o que aqui nos interessa são os poemas históricos.¹²⁵

Em *Vamos! Ó rei dos lacedemônios* (*Άγε, ω βασιλεύ Λακεδαιμονίων*), o poeta alexandrino nos conduz ao século III a.C., à cidade de Esparta. Como em tantos outros poemas, aí chegamos por intermédio das *Vidas Paralelas* de Plutarco, mais precisamente através do livro sobre Cleomenes. Novamente, com apuros de erudição, Kavafis intercala, *ipsissima verba*, entre os seus versos, frases de um texto antigo. O recurso à menção da fonte inspiradora ou documental da obra poética também aí se faz presente, da mesma forma que se fizera em *Ana Comnena* (*Άννα Κομνηνή*) e em *Posidoniatas* (*Ποσειδωνιάται*). Mas a personagem que desponta não é Cleomenes III, que fora rei de Esparta entre 230 e 222 a.C., mas, sim, Cratesicléia, a rainha mãe. Personagens femininos pouco aparecem na obra de Kavafis, porém ao surgirem são, na maior parte das vezes, mulheres de forte personalidade e grandiosas disposições d’alma, como Cratesicleia, Ana Dalassena e a já mencionada Ana Comnena. Mas voltemos nossa atenção ao que fora o ponto de partida da criação de *Ó rei dos lacedemônios* (*Άγε, ω βασιλεύ Λακεδαιμονίων*); assim escreve Plutarco:

Miguel: **Kavafis Íntegro**, p.p.596 e 597.

¹²⁴“Ode Triunfal”, PESSOA, Fernando: **Obra Poética**. Rio de Janeiro: nova Aguilar, 1995. (3ª edição)

¹²⁵ Sobre esse aspecto um tanto urbano e moderno de Kavafis, que se intensifica em muitos dos seus poemas eróticos, vemos referências a elementos de um submundo citadino, como deveria ser a Alexandria na qual viveu o poeta, local de negócios, de companhias e escritórios de firmas comerciais, cidade receptora de imigrantes dos mais variados grupos, de ricos e com todo o povo miúdo “No interior do café ruidoso,/ inclinado sobre a mesa, está sentado um velho;/ com um jornal à sua frente” p.36; “O quarto era pobre e vulgar,/ oculto no alto da taverna suspeita./ da janela via-se a ruela,/ suja e estreita. De baixo vinham vozes de alguns operários/ que jogavam cartas e se divertiam.”, “vinte e cinco anos, contudo tem mais a aparência de vinte;/ com algo de artístico em seu modo de trajar/ — certa cor de gravata, certa forma do colarinho —”

4. O Rei do Egito, Ptolomeu, prometera-lhe reforços, mas exigia como refêns os filhos e a mãe dele [Cleomenes]. Durante bastante tempo, Cleomenes não ousou falar sobre isso com sua mãe; ia frequentemente vê-la, mas, no momento em que se dispunha a começar a conversa, calava-se bruscamente. Ela acabou por suspeitar e perguntou aos amigos de seu filho se não havia algum desejo que ele hesitasse em revelar. 5. Cleomenes encontrou, finalmente, a coragem de falar. Então ela deu uma risada e exclamou: “Eis então o que você várias vezes quis dizer-me e não teve coragem! Apressa-te de embarcar-me e enviar-me lá, onde tu pensas que este corpo que aqui está poderá ser mais útil, antes que ele seja destruído pela velhice sem ter se movido daqui”. 6. Quando tudo estava pronto, eles foram por terra até o cabo de Tenare, escoltados pelas tropas armadas. Antes de embarcar, Cratesicléia conduziu Cleomenes sozinho ao templo de Poseidon, cerrou-o em seus braços e o cobriu de beijos. Depois, ao vê-lo triste e comovido, ela disse-lhe: 7. “Vamos, rei dos Lacedemônios, quando sairmos daqui, ninguém deve nos ter visto a chorar, nem tampouco ter a mínima atitude indigna de Esparta. É isso o que depende de nós. No que concerne a Fortuna, será como a divindade decidir.” 8. Com essas palavras, recompondo o seu rosto, ela foi para o navio com seu neto e ordenou ao comandante que levantasse âncora rapidamente. 9. Ao chegar ao Egito, ficou sabendo que Ptolomeu recebera de Antígono mensagens e embaixadas e que Cleomenes fora convidado pelos aqueus a reconciliar-se, mas por causa dela, não ousava por fim à guerra sem a aprovação de Ptolomeu. Ela escreveu-lhe dizendo para fazer o que era conveniente e útil para Esparta e que cessasse de temer Ptolomeu por causa de uma velha mulher e de uma criança. 10. Diz-se que assim foi a conduta dela perante a adversidade. [A tradução é nossa]¹²⁶

A trama de *Vamos! Ó Rei dos Lacedemônios* (*Άγε, ω βασιλεύ Λακεδαιμονίων*) acaba por nos remeter, necessariamente, às consequências do triunfo espartano na Guerra do Peloponeso; uma vitória que talvez pudéssemos qualificá-la de vitória de Pirro. Para deitar por terra as forças atenienses, Esparta

¹²⁶ « 4. Le roi d'Égypte Ptolémée lui avait promis des renforts, mais réclamait en otages ses enfants et sa mère. Pendant assez longtemps, Cléomène n'osa pas en parler à sa mère ; il allait souvent la voir mais, au moment où il se disposait à mettre la conversation sur ce sujet, il se taisait brusquement. Elle finit par avoir des soupçons et demanda aux amis de son fils s'il n'avait pas quelques desseins qu'il hésitait à lui révéler. 5. Cléomène trouva enfin le courage de parler. Alors elle éclata d'un grand rire et s'écria : « voilà donc ce que tu as si souvent voulu me dire sans en avoir le courage ! Hâte-toi de me faire embarquer et de m'envoyer là où tu penses que ce corps que voici pourra être plus utile, avant qu'il ne soit détruit par la vieillesse sans avoir bougé d'ici ! » 6. Lorsque tout fut prêt, ils gagnèrent le cap Ténare par voie de terre, escortés par les troupes en armes. Avant d'embarquer, Cratésicleia emmena Cléomène seul dans le temple de Poséidon, le serra dans ses bras et le couvrit de baisers. Puis, le voyant triste et bouleversé, elle lui dit : 7. « Allons, roi de Lacédémoniens, quand nous sortirons d'ici, personne ne doit nous voir pleurer ni avoir la moindre attitude indigne de Sparte. C'est là tout ce qui dépend de nous. Pour ce qui est de la Fortune, il en sera comme la divinité en décidera. » 8. Sur ces mots, composant son visage, elle monta sur le navire avec son petit-fils et ordonna au pilote de lever l'ancre en hâte. 9. A son arrivée en Égypte, elle apprit que Ptolémée recevait d'Antigone des messages et des ambassades et que Cléomène, invité par les Achéens se réconcilier avec eux, n'osait pas, à cause d'elle, mettre fin à la guerre sans l'accord de Ptolémée. Elle lui écrivit de faire ce qui était convenable et utile pour Sparte et de cesser de craindre Ptolémée à cause d'une vieille femme et d'un bambin. 10. Telle fut sa conduite, dit-on, dans l'adversité » PLUTARQUE: **Vies Parallèles**. Vida de Cleomenes XLIII. Tradução: Anne Marie Ozanam. p.p.1483 e 1484

chamara mercenários para compor seu exército. Mas não somente, visto que, para montar a sua frota de navios, pactuara com o Rei dos Persas. Xenofontes perceberia tal atitude de Esparta, de “amor pelas riquezas”, como a razão da franca decadência da outrora gloriosa cidade.¹²⁷ Cleomenes III, desejoso de trazer as antigas glórias a Esparta, decidiu atacar a Liga Aqueia em 229 a. C.; e assim o fez. Cleomenes instaurou uma série de reformas na cidade, restabeleceu as antigas leis do legislador Licurgo, redistribuiu as terras e concedeu a liberdade a quatro mil periecos¹²⁸. Porém, Aratos de Sicione, que comandava a Liga Aqueia, aliou-se a Antígono III de Macedônia. A Cleomenes restava buscar auxílio, o que fez dirigindo-se ao soberano do Egito de então: Ptolomeu I Evergetes. Ptolomeu o apoiou, mas impôs como condição a ida da mãe do rei de Esparta, Cratesicleia, para o Egito, como garantia do pacto. Os olhos de Kavafis foram seduzidos pelo trecho de Plutarco, na *Vida de Cleomenes*, no qual Cratesicleia desvela as verdadeiras razões do estranho comportamento de seu filho e fica sabendo o seu destino. Com uma atitude altaneira e digna dos grandes, pelo bem de Esparta, Cratesicleia parte para o amargo exílio. O poema, mais do que nunca, detém a mensagem de que os destinos são insondáveis e não dependem de nenhum Homem, mas como se apresentar perante o *fatum* é escolha de cada um de nós. Leiamos:

Não aceitava Cratesicléia
 que as pessoas a vissem chorar e lamentar-se;
 e caminhavam majestosa e taciturna.
 Seu rosto imperturbável nada demonstrava
 de sua mágoa e de seu tormento.
 Mas, seja como for, por um momento não agüentou;
 e, antes de embarcar no infortunado navio a fim de ir para Alexandria,
 levou seu filho ao templo de Poseidon
 e, quando se encontraram sós, ela o abraçou
 e começou a beijá-lo, a ele “dilacerado de dor”, diz
 Plutarco, “e profundamente perturbado”. Contudo, sua índole forte relutou;
 e, reanimada, a admirável mulher
 disse a Cleômenes: “Vamos ! ó rei

¹²⁷ Cf. MOSSÉ, Claude: **Dictionnaire de la Civilisation Grecque**. p.454

¹²⁸ Cf. MOURRE, Michel: **Dictionnaire Encyclopédique d’Histoire**. p.1185.

dos lacedemônios, para que, quando sairmos,
ninguém nos possa ver chorar
Nem fazer algo indigno
de Esparta. Com efeito, isso apenas depende de nós;
os destinos apresentam-se como a divindade permite”.

E embarcou no navio, indo em direção a essa “permissão”.¹²⁹

4.3.

Kavafis e a tradição do epigrama

Uma característica marcante na escrita kavafiana, que já foi ressaltada por muitos críticos, é a concisão; mas também a sobriedade dos versos. O excesso de atavios e a frase rebuscada são de extrema raridade em Kavafis. O tom de seus poemas aproxima-se, muitas vezes, de uma simplicidade prosaica, o que pode desconcertar aquele leitor mais acostumado aos volteios de uma estética literária mais tradicional. A atitude de Kavafis perante sua arte pode ser comparável aos traços que ressalta na personagem de Cratesicléia, de *Vamos! Ó Rei dos Lacedemônios* (*Άγε, ω βασιλεύ Λακεδαιμονίων*): a serena dignidade no enfrentamento dos movediços caminhos da existência humana. Mas a nossa comparação — entre uma forma breve, sóbria, aguda e elegantemente estruturada e a psicologia das personagens históricas — vai bem além de Cratesicléia. Kavafis escreve, no que concerne a esse aspecto formal, com o mesmo estado de espírito de tantas outras de suas personagens históricas recriadas pelo seu sopro poético. Acreditamos que esse aspecto formal é tributário, em grande parte, à tradição do epigrama. A prolixidade e o descomedimento dos sentimentos não encontram em Kavafis terra propícia. A grandeza dos atos e a força das emoções tomam formas lapidares, de uma agudeza certa. É como se o poeta encontrasse uma harmonia total, na qual a sua filosofia poética, a escolha dos temas e personagens, assim como a materialidade da língua em que se dá o poema, se fundissem. O resultado? Poemas nos quais todos os nós atam-se em prol de um perfeito acabamento dessa totalidade.

¹²⁹KAVAFIS, Konstantinos: *Vamos! Ó Rei dos Lacedemônios* (*Άγε, ω βασιλεύ Λακεδαιμονίων*) in **Poemas de K. Kavafis**. Tradução de Ísis Borges da Fonseca, p.363

Para que possamos explorar melhor esse paralelismo, entre a conduta discreta, breve e digna das personagens Kavafianas e a forma dos seus poemas — para em seguida estabelecermos mais propriamente as relações com a tradição do epigrama — podemos aí ser introduzidos um outro poema que ainda não foi analisado. Trata-se da obra intitulada *O Rei Demétrio (O Βασιλεύς Δημήτριος)*, que não nos será útil somente nos desenvolvimentos que ligam a obra de Kavafis ao epigrama, mas também irá nos ajudar a avançar em nossa reflexão. Seguramente, o mesmo poema encerra diversas características que vêm corroborar com a nossa leitura da presença da história na poesia de Kavafis. O poeta nos traz a figura do Rei Demétrio Poliorcetes que vivera entre os anos de 336 e 283 a.C.. Demétrio era filho de um dos generais que partilharam o legado de Alexandre o Grande, Antígono, conhecido como o Caolho ou o Zanolho, em grego, *Monophthalmos (Μονόφθαλμος)*. É necessário remontarmos à morte de Alexandre, em 323 a. C., para que possamos abarcar na sua amplitude o trágico destino desse rei vivificado pela pena de Kavafis.

Após a morte de Alexandre, colocava-se o problema da sucessão. Roxana, filha do Sátrapa da Bactriana e uma das mulheres de Alexandre, quando da morte do monarca, estava grávida. Porém, a sucessão automática não estava garantida por várias razões: os macedônios combinavam a tradição do sangue à aclamação pela assembleia que, nesse caso, era representada pelo exército.¹³⁰ Além disso, os generais ávidos de poder não eram muito afeitos à idéia do filho de uma persa assumir tão facilmente toda a vasta herança do conquistador.¹³¹ Visto que a criança que era gestada por Roxana ainda não nascera, o parente mais próximo do monarca recém falecido era Arrideu. Tratava-se de um meio irmão por bastardia, de Alexandre o Grande e, ainda por cima, com problemas mentais. Um frágil e provisório acordo foi feito: o império passaria a ter dois monarcas: Arrideu e o filho póstumo do conquistador, que ficaria conhecido como Alexandre IV. A regência caberia ao quiliarco¹³² Perdicas; Crateros recebeu a função de *prostátes (προστάτης)*, ou seja, um protetor/representante das duas pessoas reais; a

¹³⁰ Cf. CHAMAOUX : *La Civilisation Hellénistique*. p. 47

¹³¹ Cf. BRIANT : *Alexandre Le Grand*. p. 121

¹³² “Quiliarco” do grego *χιλιάρχος, ου*, primeiramente comandante de mil homens; mais tarde, entre os macedônios, acepção que aqui nos interessa, tratava-se de uma espécie de condestável (ministro da guerra) ou então chanceler; era a segunda figura política, depois do soberano. Cf. BAILLY.

Antipater caberia o governo da Macedônia e da Grécia; a Lisímaco, a Trácia ; a Ptolomeu, o Egito; já Antígono o Caolho — pai do Rei Demétrio, da poesia de Kavafis — velaria sobre a Frígia e a Anatólia Ocidental; Eumeno de Cardia — o único grego do grupo e antigo arquivista real — receberia a Capadócia e a Paflagônia. Em linhas gerais, assim ficou a divisão do legado do rei da Macedônia. A esses generais a tradição consagrou-lhes o nome de Diádocos (*Διαδόχοι*), isto é: os sucessores ou herdeiros. À segunda geração dos Diádocos se lhes atribuiu o nome de Epígonos (*Ἐπίγονοι*), em alusão ao mito dos Sete Contra Tebas¹³³, pois os epígonos eram os descendentes diretos dos chefes da primeira expedição que marchara contra a cidade beócia de Tebas.

Mas Olímpia, viúva de Filipe II e mãe de Alexandre o Grande, até então retirada nas terras do Epiro, acalentava sonhos sôfregos de poder. A estratégia da rainha-mãe foi oferecer a mão de sua filha, Cleópatra, então viúva, ao regente Perdicas. Os demais Diádocos não viram com bons olhos a iniciativa que, direta ou indiretamente, abalava as suas respectivas hegemonias, no seio desse império que se desfazia. Perdicas pressentiu a ameaça que se anunciava no horizonte e

¹³³ Para bem compreendermos o mito dos “Sete contra Tebas” é preciso remontar, com brevidade, ao mito de Édipo, para ser mais exato ao seu desfecho. Da união incestuosa com Jocasta, Édipo tivera duas filhas: Antígona, que seria celebrizada pelo gênio de Sófocles, e Ismênia. Tivera também dois filhos homens: Polínice e Etéocles. A rivalidade entre os filhos homens de Édipo e, por conseguinte, seus herdeiros, teria tido sua origem em um conjunto de imprecções lançadas por esse monarca maldito e marcado pela mancha incestuosa e parricida. A maldição se daria quatro vezes: a primeira quando Etéocles e Polínice serviram o pai na mesa de prata e na taça de ouro, que pertenceram a Laio ou a Cadmo. Esses utensílios simbolizavam a patrilhiagem dos Labdácidas e, no contexto, remetiam à própria origem de Édipo, que por ele fora maculada através do assassinato do pai, Laio, e do casamento com a mãe. Édipo, ao se dar conta da afronta filial teria imprecado contra os filhos: ambos, tanto na vida, quanto na morte, jamais viveriam em paz. A segunda maldição teria ocorrido quando de um sacrifício, no qual Etéocles e Polínice ofereceram a Édipo o osso da coxa do animal sacrificado. Ao constatar o gesto de desprezo dos filhos, Édipo proferiu que os dois irmãos haveriam de matar um ao outro. A terceira imprecção aconteceria quando Etéocles e Polínice encerram o maldito rei de Tebas em um calabouço. Édipo contra eles invoca a deusa da maldição e vocifera que haveriam de digladiar-se pelo poder de Tebas com armas em punho. O rei Édipo ainda amaldiçoou Polínice e Etéocles uma quarta e última vez, ao ser expulso de Tebas por Creonte diante dos filhos, que nada fizeram para defendê-lo. Na ocasião, em que ascenderam ao trono de Tebas, os dois irmãos fizeram um acordo: durante um ano reinaria Etéocles e no seguinte reinaria Polínice, assim, sucessivamente, compartilhariam o poder. Entretanto, Etéocles, no devido momento, não quis passar o governo tebanos a Polínice. Polínice exilou-se em Argos e foi acolhido na corte do Rei Adrasto que lhe deu uma das filhas, Árgia, em casamento. Foi aí que se organizou a expedição que tinha por intuito devolver os direitos tebanos a Polínice e que ficou conhecida como: “Sete contra Tebas”. A expedição fracassou, tanto Polínice quanto Etéocles encontrariam a morte nas portas de Tebas. Os filhos dos sete generais que participaram dessa expedição, dez anos depois, uniram-se novamente para tomar Tebas e vingar a morte dos pais. Dessa vez, ao contrário da precedente, tiveram êxito e conquistaram a cidade. Thersandros, filho de Polínice conseguiu recuperar o poder e se fez rei de Tebas. A essa segunda geração, da qual faz parte Thersandros, composta pelos filhos dos participantes da primeira investida contra Tebas, dá-se o nome de **epígonos**.

logo atacou os domínios de Ptolomeu. Quase já às portas de Mênfis, sem conseguir atravessar as águas do rio Nilo, o trágico fim de Perdicas foi selado, como também a glória da raça dos Ptolomeus. As tropas de Perdicas, frustradas pelo insucesso, amotinaram-se e o quiliarco acabou assassinado; já Ptolomeu erguia-se, mais do que nunca, fortalecido: era a dinastia macedônica, que haveria de durar quase três séculos sobre as terras do Egito, que se implantava.

Com a queda de Perdicas, uma nova disposição de poder configurava-se. Ainda nesse mesmo ano de 321 a. C., os Diádocos selarão um acordo na localidade de Triparadisos, no norte da Síria. O velho Antipater, que servia à dinastia dos Argéadas¹³⁴. desde os tempos de Filipe II, passou a ocupar as funções de regente. Seleucos recebeu a administração da Babilônia; Ptolomeu, obviamente, conservou o Egito; Antígono mantinha a Frígia e a Lícia. Eumeno fora considerado como traidor, visto que juntara suas forças àquelas de Perdicas e, ainda por cima, fora acusado de matar o *prostátes* Crateros.

Mas as ondas da instabilidade continuariam a esboroar a obra de Alexandre. Em 319 a. C., o velho Antipater morre, mas antes, por não muito confiar no filho Cassandro, seu natural herdeiro, designa como sucessor Polyperchon. Tal designação sucessória provoca a indignação dos Diádocos, porque consideram que Antipater havia extrapolado os limites de seu poder, ao deliberar sozinho quem o haveria de suceder como regente. Uma coalizão dos Diádocos novamente se forma. Cassandro, o filho que se dizia injustiçado, prontamente, coliga-se ao grupo. Polyperchon, com suas forças reduzidas e enfraquecidas, ainda possuía sob sua guarda os dois reis já praticamente fictícios: Arrideu e Alexandre IV. Com esperanças de obter apoio, Polyperchon pede auxílio a Olímpia, que traz para a Macedônia o reforço das tropas do Epiro. Olímpia faz com que os macedônios se revoltam contra o seu enteado, Arrideu, e logo, por conseguinte, o único rei que passa a existir desde então é Alexandre IV, que contava seis anos apenas. Embora a criança fosse rei só nominalmente, possuía a força da legitimidade do sangue. Mas a mãe de Alexandre o Grande cai em *hýbris*; aproveita sua situação favorável e inicia uma série de vinganças. Cassandro ao perceber que Olímpia com o seu afã vingativo conquistava cada vez mais inimizadas, aí percebe um

¹³⁴ Denominação da dinastia macedônica desde o VII a. C., que deriva seu nome de Argeu I. A dinastia pretendia descender do herói mítico Heraclês.

momento propício para tirar partido: sitia a cidade de Pidna e, em seguida, consegue aprisionar a rainha-mãe, junto com o pequeno Alexandre IV e Roxana. A sorte da família real está decidida. No próprio ano de 316 a.C., Olímpia é massacrada, em retaliação, pelos familiares de suas vítimas. Roxana e o filho, Alexandre IV, também perecerão a mando de Cassandro, alguns anos depois, em 310 a. C.

A fortuna agora parecia voltar-se para o lado de Antígono e de seu filho, Demétrio. Em 316 a.C., Antígono consegue vencer Eumeno e se apropriar dos tesouros reais, cobiçado espólio de Alexandre o Grande. Mas, acima do valor financeiro, era o tesouro do grande conquistador que estava em jogo: apropriar-se dele não deixava de significar certa legitimidade simbólica. Antígono Monophtalmos se tornará o senhor de boa parte da Ásia e o seu glorioso desempenho fará com que os outros Diádocos fiquem temerosos. Cassandro, Lisímaco, Ptolomeu e Seleucos se unem para frear os projetos de restauração do império, que podiam ser vislumbrados então sob o comando de Antígono e de Demétrio. Vicissitudes bélicas por vários anos se sucedem, entre triunfos, breves alianças e reveses; no todo, é a figura de Antígono que se destaca; o ápice dessa tendência é a conquista de Chipre, então território de Ptolomeu. O cerco da cidade chipriota de Salamina e a conquista da ilha será feito de tamanha monta que impulsionará pai e filho a se proclamarem reis. Os demais Diádocos, ao se interarem da nova titulação dos dois antigônidas, não hesitarão um momento sequer em também se fazerem reis.

Mas o ano de 301 a. C. é decisivo, quando tem lugar a batalha de Ipsos, a “Batalha dos Reis”, Antígono e Demétrio enfrentam Lisímaco e Seleucos nessa localidade, encravada no coração da Anatólia. Mas aí também hão de se enfrentar por volta de oitenta mil homens de cada lado, face a face, comandados por seus senhores e reis. No campo de batalha Antígono Monophtalmos tomba, enquanto Demétrio refugia-se em Éfeso. Dessa batalha François Chamoux nos fez a seguinte análise:

A batalha de Ipsos não marcava somente o fim do reino de Antígono, com a morte violenta do Diádoco octogenário: significou também o fracasso da última tentativa séria para reconstituir em uma unidade política sólida, implantada nas duas margens do mar Egeu, um reino herdado do sonho de Alexandre¹³⁵ (A tradução é nossa)

Os territórios do Monophthalmos foram partilhados entre os vencedores. Lisímaco e Seleucos foram os que mais se beneficiaram com o resultado da batalha de Ipsos: o primeiro estendia os seus domínios pelo oeste e pelo centro da Ásia; já o segundo abria seus territórios ao mediterrâneo, através do norte da Síria. Mas a estabilidade política ainda não haveria de chegar e, mais uma vez, a roda da fortuna preparava-se para reverter o estado das coisas.

O rei Demétrio, apesar da morte do pai e da derrota, mantinha-se tenazmente em alguns enclaves no mar Egeu, na ilha de Chipre, em Tiro, em Sidon e na Grécia. Em 297 a.C., sucede-se a morte de Cassandro, o que, aos olhos de Demétrio, apresentar-se-ia como a grande oportunidade de recuperar seu poderio. Os dois sucessores de Cassandro punham-se em uma guerra fratricida, a disputar o trono paterno. Um desses filhos de Cassandro, que tinha o mesmo nome do conquistador, Alexandre, acabou por pedir auxílio ao Poliorcete. Entretanto, logo percebeu que tomara uma decisão insensata, o que logo haveria de resultar na sua própria destruição. O Poliorcete vislumbra aí o caminho da retomada da glória.

Plutarco, na sua *Vida de Demétrio*, nos narra o episódio do assassinato de Alexandre, filho de Cassandro, pelo próprio biografado. Ao se dar conta de que o auxílio de Demétrio Poliorcetes era extremamente perigoso, Alexandre decide assassiná-lo, mas o ardiloso e experiente rei acaba sendo informado do conluio contra sua pessoa. Demétrio anuncia que irá deixar o país; Alexandre só tem que regozijar-se, porque o temível hóspede partirá: “sem intenções hostis e de livre vontade, [Alexandre] acompanhou-o até a Tessália. Quando chegaram a Larissa, começaram, de novo, a tramar um contra o outro, enquanto convidaram-se reciprocamente para jantar.”¹³⁶. Plutarco, com o seu sedutor estilo de narrar

¹³⁵ «La bataille d'Ipsos ne marquait pas seulement la fin du règne d'Antigone, avec la mort violente du Diadoque octogénaire : elle signifiait aussi l'échec de l'ultime tentative sérieuse pour reconstituer en une unité politique solidement implantée sur les deux rives de la mer Égée un royaume hérité du rêve d'Alexandre.» CHAMOIX, François: **La Civilisation Hellénistique**. p. 63

¹³⁶PLUTARQUE: **Vies Parallèles**. Vida de Demétrio XXXVI. 8; 9. Tradução: Anne Marie Ozanam.

episódios peculiares, mostra a instabilidade imperscrutável dos acontecimentos na vida dos Homens. Diríamos que os deuses estão a brincar com os indivíduos, sejam reis ou sejam servos. Não é à toa que Kavafis tanto foi a Plutarco, com o intuito de transformar em poesia, justamente, esses pequenos episódios indicadores da precariedade de nossas certezas e de nossa condição. A momentânea placidez de espírito do filho de Cassandro logo esfumar-se-á. O que, em princípio, fora um pedido de auxílio, transforma-se no instrumento da sua própria perda. E assim continua o filho da cidade de Queroneia, Plutarco: “[Alexandre] convidado a jantar, compareceu à casa de Demétrio. Esse se levantou bruscamente no meio da refeição. Alexandre ficou com medo, levantou-se também e o seguiu, passo a passo, até a porta.”¹³⁷. Mas o turbilhão dos fatos já estava prestes a sentenciar o fim desse herdeiro de Cassandro, pois Demétrio ordenava: “‘apunhalai o homem que me segue’, depois saiu. Abateram Alexandre e os seus amigos, que se aproximavam para defendê-lo.”¹³⁸. Esta nossa cegueira que não consegue abarcar o porvir, que inutilmente anseia por domar o fiar das moiras, permeia o relato de Plutarco e se faz mostrar ainda com maior força com o comentário de um dos amigos de Alexandre, pouco antes de tombar sob os golpes dos guardas de Demétrio. Conta ainda Plutarco: “um dentre eles declarou, assim dizem, no momento em que o estrangulavam, que Demétrio os havia passado a frente por somente um dia.”¹³⁹. A vitória e a derrota aqui é questão de vinte quatro horas, expressão característica da visão de mundo greco-romana. Um ilimitado amor pela glória e sua perpetuação pela memória, mas também a plena consciência de que vagamos pelo mundo como se estivéssemos em uma espécie de labirinto — sem que tenhamos recebido algum presente de Ariadne, caminhamos sem o auxílio do benéfico fio oferecido pela princesa cretense. Ora, a frase do amigo de Alexandre não parece ressoar os ecos de certos versos de Kavafis? A advertência de não acreditarmos que o inesperado ocorra em nossas vidas: “E não creias que em tua vida/ limitada, regular e prosaica,/ tais coisas espetaculares e terríveis não aconteçam.”¹⁴⁰; quando constata que nossas precauções são vãs e não sabemos interpretar os sinais: “nós nos consumimos e

¹³⁷ PLUTARQUE: **Vies Parallèles**. Vida de Demétrio XXXVI.11 Tradução: Anne Marie Ozanam.

¹³⁸ PLUTARQUE: **Vies Parallèles**. Vida de Demétrio XXXVI.12 Tradução: Anne Marie Ozanam.

¹³⁹ PLUTARQUE: **Vies Parallèles**. Vida de Demétrio XXXVI.12 Tradução: Anne Marie Ozanam.

¹⁴⁰ KAVÁFIS, Konstandinos: *Teódoto (O Θεόδωτος)* in **Poemas de K. Kaváfis**. Tradução de Ísis Borges da Fonseca p.137

planejamos como fazer/ para evitar o perigo/[...] E contudo estamos enganados, ele não está no caminho; [...] Outra catástrofe, que não imaginávamos/ repentina, impetuosa desaba sobre nós”¹⁴¹; e, ainda, ao evocar a total incompreensão dos mortais face a magnificência dos projetos dos deuses: “A obra dos Deuses interrompemos nós,/ seres efêmeros, apressados e inexperientes.[...] Mas/ sempre Metanira irrompe dos aposentos/ do rei, de cabelos desgrenhados, espavorida,/ e sempre Peleu se atemoriza e intervém.”¹⁴².

É no ano de 294 a.C. que Demétrio, após assassinar um dos filhos de Cassandro, proclama-se rei da Macedônia, no lugar do rei que morrera. Démétrio conseguiu dominar aquela parte, a mais investida de simbolismo do império de Alexandre o Grande, o velho torrão da Macedônia, onde os Argéadas fincavam suas origens. Mas, nesse ínterim, uma nova figura surgiria entre os velhos Diádocos e seus filhos, os epígonos. Estamos a nos referir a Pirro, Rei do Epiro e irmão da mulher de Demétrio. Pirro até então estivera ao lado do cunhado mas, em 298 a.C., qualquer laço familiar, que eventualmente pudesse impedir o enfrentamento entre ambos, rompeu-se, pois fora nesse ano que morrera a irmã de Pirro, que era mulher de Demétrio Poliorcetes. O fim dessa curiosa personagem, que seria mote do poema kavafiano, estava próximo. Os Diádocos e seus sucessores, nessa quase infinda sucessão de alianças, traições e enfrentamentos, novamente se uniram. Pirro e Lisímaco coligaram-se contra o então rei da Macedônia. O ano era 288 a.C.. Nas proximidades da cidade de Véria, tem lugar o episódio do poema *Rei Demétrio*. Os soldados do Poliorcetes, já lassos, põem-se a desertar para as fileiras inimigas de Pirro. Demétrio foge para a Calcídica, onde estava Phília, sua segunda mulher; essa, ao tomar conhecimento da derrota do marido, suicida-se. Como em uma tragédia de Sófocles, Demétrio parece lutar, sem consciência do turbilhão que arrasta os Homens, pois não renuncia aos sonhos imperiais.

É, ao atravessar a cadeia do Tauro, em 286 a.C., desejoso de atingir a cidade de Tarso, que Demétrio achar-se-á cercado: à frente jazem as forças de Seleucos, atrás, as de Agatocles, o filho de Lisímaco. Desde então, será prisioneiro de

¹⁴¹ KAVÁFIS, Konstandinos: *Consumado (Τελειωμένα)* in **Poemas de K. Kaváfis**. Tradução de Ísis Borges da Fonseca p.91

¹⁴² KAVÁFIS, Konstandinos: *Interrupção (Διακοπή)* in **Poemas de K. Kaváfis**. Tradução de Ísis Borges da Fonseca p.55

Seleucos, mas esse “lembrando que Demétrio era seu sogro, o acolheu com generosidade: tratado como um rei, o Poliorceta fora conduzido a uma residência principesca, às margens do Oronte [...]”¹⁴³. A visão que Chamoux tem do Rei Demétrio é tributária daquela de Plutarco, porque o compreende como um exemplo de excessos e de desmedidas. Como veremos ainda, Kavafis, mesmo indo a Plutarco, parece reinterpretar Demétrio, atribuindo novos significados a sua atitude. Seja como for, Chamoux bem sintetiza essa idiossincrática figura que entrou para a história. Idiossincrasias pessoais, somadas às particularidades de um tempo que, provavelmente, cativaram o olhar Kavafiano; quadro propício para que o poeta pudesse, mais uma vez, desdobrar em verso a sua filosofia de vida e de história. Assim nos descreve Chamoux o fim do Poliorcetes:

Esse regime logo dera cabo da sua saúde. Abalado pelas provações da guerra, morreria em 283, após meio século de uma existência tumultuosa, fértil em reviravoltas espetaculares da fortuna, onde ele se mostrara extremo em todas as coisas, por seus dons naturais, por seus apetites insaciáveis, por suas empreitadas tão grandiosas quanto imprevisíveis, enfim por uma incapacidade singular em seguir com lucidez até o fim um grande desejo. Em uma época tão rica em destinos fora de série e em indivíduos de exceção, nenhuma figura é mais espantosa que aquela de Demétrio Poliorceta.¹⁴⁴ (A tradução é nossa)

Nossa explanação sobre a personagem do rei Demétrio pode ter sido um tanto longa, porém necessária, como já dissemos pouco antes de iniciá-la. A história — ousaríamos dizer — parece ter ora o trágico, ora o romanesco da ficção e isso se faz sentir, sobretudo, em certos períodos da odisseia humana. Certamente, as quatro décadas que se seguiram à morte de Alexandre o Grande podem ser aí inseridas. Ao contextualizarmos o relato histórico — pelo menos da forma como ele nos chegou e se consagrou — sentimos com maior intensidade os versos de Kavafis. Sentimos melhor o diálogo com a tradição historiográfica, da qual se faz uma boa parte da obra kavafiana; mas por sua vez a obra a essa mesma tradição se acrescenta. Não é por ser poesia que os poemas de Kavafis têm menos uma visão

¹⁴³ CHAMOUX, François: **La Civilisation Hellénistique**. p. 70

¹⁴⁴ “Ce régime eut bientôt raison de sa santé, ébranlée par les épreuves de la guerre, et il mourut en 283, après un demi-siècle d’une existence tumultueuse, fertile en retournements spectaculaires de la fortune, où il s’était montré extrême en toutes choses, par ses dons naturels, par ses appétits insatiables par ses entreprises aussi grandioses qu’imprévisibles, enfin par une incapacité singulière à poursuivre lucidement jusqu’à son terme un grand dessein. Dans une époque si riche

historiográfica; eles não só interpretam a história, mas também possuem nas entrelinhas uma teoria da história. Finalmente, leiamos o poema:

“Não como rei, mas como ator, ele substitui uma clâmide cinzenta por aquela trágica e, sem ser notado, saiu.”

PLUTARCO, VIDA DE DEMÉTRIO

Quando os macedônios o abandonaram
e demonstraram que preferiam Pirro,
o rei Demétrio (tinha ele uma grande
alma) de nenhuma maneira se comportou
- assim disseram - como rei. Foi
Tirar suas vestimentas de ouro
E lançou para longe seus calçados
De pura púrpura. Com roupas simples
vestiu-se depressa e conseguiu escapar,
agindo tal qual um ator
que, terminada a representação,
troca de traje e desaparece.

Os intérpretes de Kavafis, geralmente, concordam que o poeta, ao contrário de Plutarco, vê com simpatia a decisão do rei Demétrio. O que em nossa opinião é absolutamente correto, pois o ato de sair da batalha, aqui, não é sentido pelo leitor como algo negativo, mas como uma escolha que possui muito mais dos ares do desprendimento heróico e sábio. A associação do teatro com uma farsa de pouca virtude, onde se propagam os jogos de pura dissimulação, é transmutada pelo poeta alexandrino: agora a vida é palco e nós somos atores. Retirar-se, plenamente consciente de que o momento propício de sair de cena chegou, depois de gozar do esplendor dos triunfos, não seria uma vulgar covardia. Kavafis discorda do que dissera Plutarco. É como se o poeta estivesse a nos indicar que o rei Demétrio estaria bem mais próximo de uma sábia *ataraxia* do que poderíamos pensar.

Acreditamos que tais características ligam-se ao estilo epigramático do poeta de Alexandria. A vinculação de Kavafis a essa tradição literária é,

en destins hors série et en individus d'exception, nulle figure n'est plus étonnante que celle de Démétrios Poliorcète.” CHAMOIX, François: **La Civilisation Hellénistique**. p.70

seguramente, mais um dos vínculos que o poeta estabelece com a Antiguidade. Não poderemos nos furtar de enveredar por essa seara, por ser mais uma das tramas que religam Kavafis ao que aqui definimos como mundo greco-romano. Necessário se faz que compreendamos o lugar desse gênero dentro da literatura clássica e como nosso poeta aí se insere. A aproximação entre a obra de Kavafis e a tradição do epigrama foi percebida pelo poeta grego Seféris e, posteriormente, endossada, digamos assim, por José Paulo Paes. Esse último declara mesmo que teria sido levado a se interessar pelos epigramas de Paladas — um dos mestres da epigramística — através do estudo da obra de Kavafis.¹⁴⁵

A palavra epigrama origina-se do grego e significa literalmente escrever sobre. Nos primórdios a palavra epigramas designava uma simples inscrição, geralmente escrita em verso, que tinha o propósito de identificar, seja o autor de uma escultura ou aquele que faz uma oferenda aos deuses. Com o passar do tempo o epigrama foi despojando-se da sua função um tanto comezinha de inscrição versificada e passou a ser, em si mesmo, um gênero literário:

Epigrama, como o nome informa, na origem diz respeito a inscrições sobre variados objetos para indicar de quem são, quem os fez e, no caso de inscrições votivas, quem os dedicou e a que deus foram dedicados; no caso de inscrições tumulares – os epitáfios – indica-se quem está sepultado sob a inscrição, as virtudes do morto e a dor causada pela ausência. Por sua origem indicativa, dêitica (δείκνυμι, “apontar”, indicar), a função propriamente epidíctica, ou demonstrativa, como se diz em latim, possibilitava, nessas circunstâncias fúnebres e religiosas, economia de recursos retóricos por causa da preexistência de alguns fatores, como a substância ética do deus ou do morto, o tom patético da súplica ou do lamento, além da obrigatória obviedade, determinada pela exiguidade do suporte material. Tudo isso não passou despercebido dos poetas: logo, de epigráfica tal elocução tornou-se a condição mesma de um novo tipo de poema, porque, buscando antes deleite, passaram a imitá-la em suas inscrições fictícias, isto é, em seus *epigrámmata* (ἐπιγράμματα, “epigramas”), como já no século III a.C. eram chamadas essas composições: desde então, o termo já não designa só inscrições, mas também e principalmente um gênero de poesia.¹⁴⁶

Certas vezes, a poesia histórica de Kavafis religa-se à tradição do epigrama, nas formas que mais se aproximam das origens desse gênero, isto é: às inscrições. Kavafis escreveu poemas fazendo uso do formato de verdadeiros epitáfios, como no poema “*No mês de Athir*” (*Εν τῷ Μηνί Αθύρ*). É como se o poeta tentasse

¹⁴⁵ Cf.: PAES: José Paulo: Nota preliminar in **Paladas de Alexandria Epigramas**. p.7.

¹⁴⁶ OLIVA Neto: João Angelo: **Falo no Jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina**. p. 81

compreender e transcrever uma estela funerária, já bastante danificada pelo passar do tempo. O poema estrutura-se como se fôssem as anotações de um esmerado epigrafista. Mas, nesse caso, Kavafis teria criado um “verdadeiro” documento histórico — com o perdão desse nosso aparente paradoxo. O poeta teve o cuidado de fazer uso não só de aspas, que indicariam as frases que supostamente copiara, mas também de colchetes que assinalam as partes das palavras danificadas, que puderam ser inferidas:

Penosamente leio na pedra antiga:
 “Senhor Jesus Cristo”. “Distingo um termo”: “al[m]a.
 “No mê[s] de Athyr” “Lêukio[s] a[dorm]eceu.
 Na menção da idade “vi[ve]u anos”,
 O kappa Zéta mostra que jovem adormeceu
 Nos lugares danificados vejo “A el[e]... alexandrino.”
 Depois há três linhas muito mutiladas;
 Mas algumas palavras compreendo – como “nossas l[á]grimas”, “dor”,
 Em seguida outra vez “lágrimas”, e “luto para nó[s] os amigos”.
 Parece-me que Leukios deve ter sido muito amado.
 No mês de Athyr Leukios adormeceu.¹⁴⁷

Ao comentar “*No mês de Athyr*” (*Ev τω Μηνί Αθύρ*), Catillo Didier nos atenta para o fato de que é “impossível reproduzir em tradução os efeitos fônico-gráficos deste belo poema, talvez único na literatura mundial.”¹⁴⁸

Mas voltemos a alguns parágrafos acima: o que narram os antigos historiadores e biógrafos da Antiguidade assume a aparência de uma grande saga, onde nenhuma glória é segura. Ousemos um exercício de imaginação, visto que toda hipótese retém em si princípios dessa faculdade, mesmo que nossa repulsa racionalista tenda sempre a negá-los. Não nos custa supor que Kavafis, com facilidade, encontrava na história os objetos de sua poesia. Qualquer olhar um pouco propenso ao literário desprende desse punhado de reis e generais helenísticos muito de filosófico. Entendamos por filosófico, aqui nesse sentido,

¹⁴⁷ KAVAFIS, Konstandinos: *No mês de Athyr* (*Ev τω Μηνί Αθύρ*) in **Poemas de K. Kaváfis**. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. p.183.

tudo o que nos remete às mais essenciais questões humanas. O emaranhado de fatos e ações históricas, que sob o olhar de alguns pode parecer extremamente particular, é trabalhado pelo poeta Alexandrino de forma a condensá-lo em um poema quase epigrama. Quando visualizamos o todo de onde Kavafis retira o mote de seu poema, esse cresce em força. Não é à toa que as edições das poesias de Kavafis são repletas de notas históricas. Talvez história e poesia nunca antes andaram tão irmanadas. Pensamos que Kavafis aplica à história a simplicidade eloquente do epigrama e, provavelmente, é essa mesma simplicidade que, ao cristalizar o particular, auxilia na construção do mais universal. Fazemos uso de uma imagem: é como se olhássemos uma imensa tela e não nos apercebêssemos da grandeza encerrada na particularidade de uma cena, um tanto esfumada, ao fundo desse quadro. Ora, quando nos aproximamos desse detalhe podemos descobrir uma pequena entrada de entendimento para a amplidão da tela que se estende diante de nós. Tudo depende da forma como o nosso olhar irá derramar-se pelo pequeno, porém vasto, detalhe. Talvez, Kavafis consiga, de algum modo, dizer da história o que em princípio o historiador não poderia dizer; a sensação que se perdeu, que não pode ser registrada nos arquivos, mas o poeta a partir do detalhe conseguiu recriá-la. A Kavafis, quem sabe, poder-se-ia aplicar as palavras de Ginzburg: “o que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente.”¹⁴⁹

4.4.

Kavafis responde a Aristóteles ou uma poética histórica

Nesse ponto de nossa elucubração, talvez possamos nos aventurar por veredas um tanto ousadas, porém muito importantes para a reflexão a que nos propomos. Bem sabemos que Aristóteles, na sua *Poética*, em passagem célebre, no capítulo IX, conclui que a filosofia ocuparia lugar superior ao da história, visto que a primeira enunciaria “verdades gerais” e a segunda limitar-se-ia a narrar “fatos particulares”, restritos neles mesmos. Acreditamos que Kavafis possa fornecer, através de seus poemas históricos, uma interessante resposta a essa

¹⁴⁸ DIDIER CASTILLO, Miguel: **Kavafis Íntegro**. p.424

¹⁴⁹ GINZBURG: Carlo: **Mitos Emblemas Sinais: morfologia e história**. p.152

suposta tensão entre a filosofia e a história. Terras distantes uma das outras não excluem a possibilidade de, em certas paragens de seus confins, possuírem limites ou fronteiras em comum. Pensamos que a obra kavafiana, na parte que aqui nos concerne, estaria justamente nessa contiguidade divisória, que é todo e qualquer traçado que rasga a terra, separando territórios, mas que nem por isso extingue as proximidades. Façamos atenção ao que nos diz Aristóteles, para que possamos melhor compreender a “resposta” de Kavafis:

Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que uma narra acontecimentos e o outro, fatos quais podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia verdades gerais; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo de natureza tal vem a dizer ou fazer verossímil ou necessariamente; mas isso visa a Poesia, ainda quando nomeia personagens. Relatar fatos particulares é contar o que Alcibiades fez ou que fizeram a ele.¹⁵⁰

Como pudemos ver, ao analisarmos alguns dos poemas históricos de Kavafis, do particular sempre há um salto para o geral ou mais precisamente para o universal. Seja no que concerne a poemas como *Ana Comnena* (*Άννα Κομνηνή*), *Que Deus Abandonava António* (*Απολειπειν ο θεός Αντωνιον*), *Posidoniatas* (*Ποσειδωνιάται*) e tantos outros, seria absurdo pensarmos que o poeta grego da diáspora estivesse nos falando somente de personagens e fatos particulares. Kavafis faz poesia, mas acreditamos que seus versos são feitos quase que — se assim nos é lícito dizer — em favor da história, porque eles concedem à “criação” herodotiana exatamente o que Aristóteles a acusava de não possuir: a abrangência geral e que universaliza. Kavafis comunga da *historia magistra vitae*, mas a solução por ele encontrada não é fazer história. Quiçá, se a fizesse não demonstraria com tanta força a universalidade que jaz na escrita da história. Poderia ter feito, como tantos dos antigos historiadores dos tempos da *Historie*, uma imensa coletânea de relatos, um apanhando dos mais antigos historiadores gregos e latinos; é possível que fosse um historiador fora do seu tempo. Um arauto da *historia magistra vit* nos princípios do século passado. Não cabe à história supor as possibilidades da existência. O que podemos dizer é que indo beber da tradição greco-romana, Kavafis extraiu a pujança dos velhos textos;

assinalou que tanto a história, quanto a poesia, posto que diferentes, não são antagônicas e que o movimento das suas indagações é a condição humana na sua mais bela e paradoxal tragicidade. O poeta de Alexandria amava o passado, mas seus escritos transcendem o seu tempo. Por antagônico que possa parecer, é indo aos mitos, aos reinos helenísticos e a imperadores bizantinos que Kavafis se projeta para o futuro, inscrevendo não só a sua obra, mas igualmente os escritos que foram suas fontes, no nosso tempo e com certeza no de nossos pósteros. Muitas vezes o antigo, suas leituras e releituras são mais férteis, transgressores e libertadores, do que os falsos brotos de uma modernidade estéril, que é homogeneizadora e não criadora. É provável que tenha sido esse o maior legado de Kavafis, poeta da Antiguidade e, por isso mesmo, da vanguarda.

¹⁵⁰ ARISTÓTELES: *Arte Poética*, p.28